

Devir-água do texto: uma escrita em intensidade. O livro *Água viva*, de Clarice Lispector*

A tese aproxima o pensar conceitual de Gilles Deleuze do pensar literário de Clarice Lispector, buscando as vibrações que ecoam entre esses dois exercícios do pensamento.

Do pensar deleuziano, recorta principalmente a crítica à concepção da linguagem como representação do mundo e a proposta de uma concepção da linguagem como potência intensiva.

Em seus três momentos ou capítulos, este trabalho cartografa três movimentos, dentre os muitíssimos que podem emergir da escrita de *Água viva*, que acentuam o uso intensivo da língua. São três procedimentos expressivos de uma escrita em intensidade.

Esses três movimentos do texto de *Água viva* estão presentes nos títulos dos três capítulos da tese: “Perplexidade indagativa”, “Dobra da linguagem”, “Subjetividade aquém e além de um eu humano”.

1. O primeiro movimento é o fluir da indagação construindo o texto. Indagação que acolhe o estranhamento provocado nos encontros e atravessa a escrita se inventando como corpo de problematização do mundo. Então a escrita se faz “perplexidade”. Esse é o primeiro procedimento da escrita intensiva do livro *Água viva*.

A tese acentua que a *performance* indagante diz, não uma incerteza subjetiva, uma dúvida exterior ao acontecer. Ela dá língua ao próprio acontecimento, aberto a uma variação de possíveis, que faz o sujeito deslizar. Cito Deleuze, no livro *Lógica do sentido*: “A incerteza pessoal não é uma dúvida exterior ao que se passa, mas uma estrutura objetiva do próprio acontecimento, na medida em que vai nos dois sentidos ao mesmo tempo e que esquarteja o sujeito segundo esta dupla direção”.

2. Um segundo movimento do texto de Clarice é uma “dobra” que a língua realiza, tematizando a si mesma, instituindo-se como campo problemático.

O trabalho cartografa em *Água viva* duas modalidades de dobra. A primeira é uma dobra afirmativa. Nela, *Água viva* inventa uma escrita intensiva que ensaia e ensaia dicção do que seja escrita. Em mais de cem modulações, o texto diz a prática de escrever. Presente aí uma concepção de linguagem.

A outra dobra se acentua em procedimentos languageiros que se afastam da significação e expressam encontros instituintes do real. Neles a personagem improvisa um modo intensivo de se situar com o mundo. As contínuas e nuançadas variações dizem a diferença através de comportamentos sintáticos, que são vibração de intensidades. A clareza e a linearidade pretendidas pela representação dão lugar a modulações sutis que extrapolam o suporte languageiro, transbordando as palavras.

3. O terceiro movimento que emerge da escrita de *Água viva* expressa a invenção de uma subjetividade aquém e além de um humano costumeiro. Subjetividade que vai se fazendo no mesmo ato de criação da escrita. Desse modo, co-instituem-se, no auto-engendramento que é o mundo, um modo de subjetivação e uma linguagem intensiva.

Junto com essa escrita em devir se institui uma subjetividade intensiva, que é “felicidade diabólica”, no dizer de **Água viva**. Linguagem e subjetividade criando-se, sem privilégio de uma ou de outra, ambas como emaranhadas linhas no processo de auto-engendramento que é o mundo.

Uma escrita intensiva possibilita que parcela da criatividade do mundo se faça legível nas entrelinhas invisíveis e nas linhas visíveis que transbordam de **Água viva**. E dá voz às forças cósmicas para que entoem seu canto: “A natureza em cântico coral e eu morrendo. O que canta a natureza? A própria palavra final que não é nunca mais eu”.

Finalizando, da escrita intensiva de Clarice e do filosofar intensivo de Deleuze ecoam essas vozes: escrever é devir outra coisa que não escritor. Nesses ecos, o convite a nos entregarmos à arte jamais concluída do devir-inumano.

VASCONCELLOS, Maria Helena Falcão. **Devir-água do texto**: uma escrita em intensidade. O livro **Água viva**, de Clarice Lispector. São Paulo, Pontifícia Universidade de São Paulo, 2002. 135p. (Tese, Doutorado em Psicologia).